



Saudação Regimentar

Solar Barão de Guajará, Belém (PA), 19 de março de 2014.



Discurso proferido pelo sócio efetivo

Décio Marco Antônio de Alencar Guzmán

Cadeira Nº 23, patronímica de João Lúcio de Azevedo

Saudação ao novo sócio efetivo

Emanuel Pontes Pinto

em Sessão Solene de Posse da Cad. Nº 05, patronímica de Antônio Ladislau Monteiro Baena



*P*rezado Senhor Professor Emanuel Pontes Pinto,
Mesmo em momentos felizes da existência e em circunstâncias que pedem a festa – e este é seguramente o caso para o senhor, seus amigos e o Instituto que o recebe –, a lembrança daqueles que já nos deixaram não é jamais ausente. Assim, Professor Emanuel, as primeiras palavras deste discursoⁱ serão dirigidas para evocar algumas pessoas de quem lamentamos hoje o desaparecimento. É assim que se entrelaçam e se renovam os elos de solidariedade e compromisso que religam as gerações através dos tempos e que se aviva a memória de uma centena de confrades aos quais o senhor se associa nesse momento aqui no Instituto.

2. Primeira, aquela do bragantino, Aluizio Pinheiro Ferreira, seu grande amigo. As circunstâncias não me proporcionaram a ocasião de construir uma relação pessoal com Aluizio Ferreira. O senhor, sim, o fez. Apenas e talvez um jornalista e historiador, animado

GUZMÁN, Décio Marco Antônio de Alencar. *Saudação Regimentar*: discurso proferido na Sessão Solene de Posse de Emanuel Pontes Pinto, Cadeira Nº 5, patronímica de Antônio Ladislau Monteiro Baena. Belém (PA): Instituto Histórico e Geográfico do Pará, [website], 2014.



pela paixão que é a sua, de compreender os homens e as circunstâncias, poderia também remediar a falta de conhecimento direto do passado e das pessoas que morreram. Mas além de tudo, historiadores como o senhor podem satisfazer a dupla exigência de verdade e reflexão crítica que envolvem este dever de memória. Por isso, em diversas ocasiões o senhor soube reparar as injustiças das quais padeceu a lembrança do personagem que foi Aluísio Ferreiraⁱⁱ. Nascido na cidade de Bragança, em 1897, aluno do Instituto Amazônia, do Colégio Progresso Paraense e do Ginásio Paes de Carvalho. Aluísio Ferreira frequentou a Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, se tornou o primeiro governador do Território Federal do Guaporé, em 1943. Foi como governador, em 1947, que Aluísio Ferreira encontrou o senhor em Porto Velho e em 1954 o convidou para colaborar no Jornal “O Guaporé”, juntamente com Moacir de Miranda, Enos Eduardo Lins, Cossete Gaya, Fernando Claro de Campos, Oriovaldo Valadares e Marco Aurélio Guzmán, meu avô.

2. Com o governador Marques Henriques, a sua relação foi de colaboração intensa, quando o senhor foi nomeado, em 1974, prefeito de Porto Velho, capital do Território de Rondônia, e administrou a cidade até 1975, ampliando a rede escolar e os postos de saúdeⁱⁱⁱ. Simultaneamente, nesses anos de experiência administrativa, o senhor foi também proprietário dos seringais “Nova Vida”, “Rio Pardo” e “São Francisco”, localizados nos distritos de Ariquemes e Jarú, onde trabalhou como desbravador e pioneiro das áreas de colonização das vias de acesso que hoje formam o corredor da BR-364, ligando Porto Velho a Cuiabá.

3. Meu primeiro encontro com o senhor remonta, de fato, à quase trinta anos, ao início da década de 1980. Cruzamo-nos pelos corredores da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), quando ambos fomos alunos desta Universidade, cujo primeiro Campus então situava-se à Avenida Presidente Dutra, no prédio do antigo Porto Velho Hotel: um edifício remodelado para satisfazer a nova função de centro de ensino superior. Mas o senhor já era estudante veterano aí quando eu frequentei a segunda turma do Curso de História.

GUZMÁN, Décio Marco Antônio de Alencar. *Saudação Regimentar*: discurso proferido na Sessão Solene de Posse de Emanuel Pontes Pinto, Cadeira Nº 5, patronímica de Antônio Ladislau Monteiro Baena. Belém (PA): Instituto Histórico e Geográfico do Pará, [website], 2014.



4. Se eu relembro a circunstância deste primeiro encontro, não é para anuir voluntariamente à confiança, mas a lembrança tem o interesse de abrir uma primeira visão geral sobre a formação do historiador que é o senhor. Além disso, é também a ocasião de evocar a figura de um mestre, entre tantos outros que nós respeitamos, o senhor e eu, e que nos marcou: o Professor Doutor Marco Antônio Domingues Teixeira, que hoje leciona História do Brasil e História da Amazônia na UNIR, autor de um livro que é referência sobre “os negros quilombolas do Vale do Guaporé nos séculos XVIII e XIX” (2008)^{iv}. O Professor Marco Teixeira é bom conhecedor do mundo escravista amazônico, homem de grande cultura, de viva sensibilidade artística e literária, um dos primeiros em Rondônia a situar com clareza o problema da “história regional”.

5. Mas o senhor mesmo, Prof. Emanuel, concentrou parte importante das suas energias e dos seus interesses na investigação metódica de problemas da história regional. O senhor publicou “Caiari, Proto-História e História” (1986), “Real Forte Príncipe da Beira: símbolo da conquista e dominação do Vale do Guaporé” (1989), “Território do Guaporé: Fator de Integração da Fronteira ... do Brasil (Dissertação de Mestrado em História, UFRJ)” e “Rondônia, evolução histórica: a criação do Território de Guaporé” (1993), precisamente como ensaios de crítica histórica sobre a construção dos mitos fundadores da região do Guaporé. Mitos que persistem até os dias de hoje, quando os garimpos no rio Madeira e as hidroelétricas em construção potencializam as riquezas da região e o imaginário sobre elas na parte mais fronteira da Amazônia ao sul^v.

6. A escolha destes assuntos já revelava em seus primeiros estudos uma predisposição a andar por caminhos alternativos àqueles já percorridos por outros e uma predileção pela história política. Eu mesmo, desde àquela época já andava engajado em pesquisas sobre as leis indigenistas e as rebeliões indígenas em regiões como o Rio Negro e o Rio Madeira nos séculos XVII e XVIII. O paralelismo parecia evidente entre nós dois: a « Proto-História do Caiari» era para o senhor o que era para mim a « História Indígena dos

GUZMÁN, Décio Marco Antônio de Alencar. *Saudação Regimentar*: discurso proferido na Sessão Solene de Posse de Emanuel Pontes Pinto, Cadeira Nº 5, patronímica de Antônio Ladislau Monteiro Baena. Belém (PA): Instituto Histórico e Geográfico do Pará, [website], 2014.



rios Negro e Madeira». Contudo, já que o senhor me precedia com alguma distância no trabalho de historiador, seus livros me introduziram à leitura e até na avaliação dos problemas regionais.

7. Eu creio que pude perceber então, naquele momento, as promessas anunciadas pelos seus primeiros livros publicados. Destes tempos remontam tanto o parentesco das nossas curiosidades quanto a minha admiração pelos seus trabalhos de investigação. Todavia, quando subimos as escadarias do antigo prédio do Porto Velho Hotel então transformado em Universidade, nós poderíamos prever que nos encontraríamos, trinta anos mais tarde, nestas circunstâncias em que estamos agora?

8. O senhor para pronunciar o seu discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico do Pará e eu para lhe receber? Continuando um paralelo de interesses e curiosidades que não se interromperam desde então?

9. Devo agora fazer menção daquilo que o senhor realizou desde então e esboçar seu perfil intelectual. Isto é, evocar sobre o senhor, a partir do exterior, o mesmo tipo de exercício que o compeliu a fazer tempos atrás a biografia de personagens próximos e distantes, o comentário de fatos e situações determinantes para a vida de indivíduos e da sociedade, exercício este para o qual os historiadores franceses forjaram a expressão de “ego-história”, quando trabalhava no ofício de jornalista. Aliás, é aspecto da sua atividade e traço desse talento para inventar imagens como também para recriar situações do passado com palavras exatas e bem medidas. Já que, tanto por escrúpulo quanto por aversão a falar de si mesmo, o senhor jamais se inclinou a este exercício voltando-se para si mesmo, é sobre mim agora que recai o esforço de traçar sua trajetória, que faço com prazer.

10. Minha contribuição não terá certamente nem um décimo daquele tamanho alcançado pelo seu políptico existencial, caso fosse desdobrado pelo seu próprio talento de escritor. Mas o objetivo aqui não é o mesmo? Trata-se agora de tentar desembaraçar no mistério de um ser, na evolução de uma existência e na edificação de uma obra, as partes



respectivas daquilo que depende de nós e do que de nós não depende, ou, para dizer de modo diferente da velha distinção estoica: entre o que pertence às circunstâncias, constringentes ou fortuitas, fugindo, por conseguinte, à nossa vontade, e o que liberta disposições interiores e qualidades espontâneas^{vi}.

11. Se o historiador é inclinado geralmente a introduzir no passado reconstruído por suas mãos racionalidade maior do que houve de fato, não é o senhor quem negará a parte que cabe ao destino nas vidas individuais: o senhor sempre reconheceu a importância decisiva das ocasiões inesperadas que surgiram na sua vida, lhe abrindo subitamente possibilidades imprevistas, lhe oferecendo perspectivas jamais sonhadas.

12. Essa atitude é pura sabedoria antiga: o filósofo pré-socrático Heráclito ensina justamente que é o aleatório a ordem do mundo^{vii}. Eu apenas o sigo mencionando passo a passo a longa estadia no Território do Guaporé e depois os livros que o senhor produziu nascidos da sua vivência lá, e mais tarde sua experiência de pesquisas no Rio de Janeiro, para então hoje se fixar em Belém. Sem dúvida, há outros fatos que conheço bem menos e dos quais a menção ofenderia sua discrição e iria contra sua repugnância a se colocar no palco. Não tenha receio, eu apenas os evocaréi para que eles contribuam a explicar quem o senhor é.

13. Não há nada de mais determinante para a seqüência da existência que o berço familiar. Sua infância ocorreu na antiga Vila de Pinheiro, que depois passou a se chamar Icoaraci, em 1943. Seu nascimento, a 10 de maio de 1924, trouxe a seus pais, João Batista Pinto Filho e Dona Maria Lídia Pontes Pinto, uma grande felicidade, só ultrapassada pelos anos seguintes de alegrias da infância. A partir do nascimento em Icoaraci, a passagem por Belém, a ida para o Amapá, como garimpeiro no rio Calcoene, e depois para Rondônia, seria um capricho meu imaginar que há uma relação espontânea entre as suas origens e uma simpatia precoce, constante, apaixonada que o senhor nunca deixou de manifestar para tudo

GUZMÁN, Décio Marco Antônio de Alencar. *Saudação Regimentar*: discurso proferido na Sessão Solene de Posse de Emanuel Pontes Pinto, Cadeira Nº 5, patronímica de Antônio Ladislau Monteiro Baena. Belém (PA): Instituto Histórico e Geográfico do Pará, [website], 2014.



o que toca, de perto e de longe, à idéia de região, à vida no norte do Brasil e à afinidade a tudo que é amazônico?

14. Quando o senhor explica mais tarde no livro “Caiari” a noção de « proto-história », estão em foco os mitos fundadores da regionalidade amazônica. É a tentativa de construção da identidade rondoniense que se insinua no livro. O senhor dá grande importância então aos eventos que fundam a coesão de uma cultura regional. Nós todos que vivemos, crescemos e morremos no norte do Brasil compartilhamos de qualquer modo esta experiência. Me parece claro que nós todos experimentamos essa inquietude sobre a Amazônia e sua história, tal como o senhor explicita em seus estudos. Muito jovem o senhor conhece a distância da família, a separação dos seus, o refúgio primeiro no Amapá e depois em Porto Velho como seringalista, comerciante e jornalista. O destino faz subitamente irrupção na sua vida, o levando a Porto Velho. O senhor estava bastante maduro nesse momento, apto para assumir a convite de Aluízio Ferreira a propriedade do Jornal “O Guaporé” e entrar na vida política junto aos seus companheiros chamados ironicamente de “cutubas” pelos opositores. Para aqueles que não sabem, esse apelido significa “os mais inteligentes, muito bons, os melhores, os mais bonitos”.

15. O Curso dos seus primeiros estudos no Grupo Escolar Juvêncio Sarmiento e no Colégio Manoel Antônio de Castro em Icoaraci (PA), concluídos na década de 1930, sem dúvida marcam na sua personalidade esta primeira inclinação para a regularidade dos exercícios escolares. Após longos anos sem voltar às salas de aula, o senhor decide continuar a aprender em Porto Velho matriculando-se no Colégio Normal Carmela Dutra, onde concluirá o 2º Grau em 1976. Mas o coroamento dos anos de aprendizado virá com os estudos de Mestrado em História do Brasil, orientados pela Professora Maria de Lourdes Viana Lyra, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, concluídos em 1992, cujo resultado propiciou a publicação de um livro no ano seguinte. Mais uma etapa essencial da vida de



um intelectual e historiador que não desistiu jamais de refletir sobre a prática da sua existência e da vida de muitos pioneiros e desbravadores do Oeste brasileiro.

16. Um mestre da história da Amazônia, certamente, mas também define ainda o seu perfil o de um homem a serviço dos outros cidadãos, através da política profissional. Não apenas por sua atuação como prefeito de Porto Velho antes citada, mas também pela longa lista de serviços ao bem comum prestados desde cedo. Demonstrando que o senhor é um trabalhador infatigável, que não se desencoraja nem recusa as tarefas mais ingratas, sequer as mais enfadonhas. Exemplos são muitos e vou citar apenas alguns: funcionário público municipal em Porto Velho entre 1947 e 1950, o senhor também exerceu as funções de presidente da Comissão de Abastecimento e Preços do Território de Rondônia, Juiz de Paz do Distrito de Ariquemes também em Rondônia, Membro da Comissão Mista Brasil-Bolívia para a revisão do “Acordo de Roboré” com fito de opinar sobre normas do comércio de Fronteira^{viii}, Deputado Federal em 1966 e 1968, Presidente da Associação dos Seringalistas de Rondônia entre 1964 e 1968, Diretor da Associação Comercial de Rondônia, Presidente da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) seção do Território de Rondônia entre 1968 e 1974, Membro do Conselho Deliberativo do Banco da Amazônia como representante da classe produtora de borracha entre 1962 e 1966, além de muitas outras atribuições que só aumentam o peso da sua experiência e a autoridade da sua palavra em questões públicas. Decerto incompleta, esta apresentação não poderia se concluir senão por mais uma lembrança de outra qualidade sua. É aquela de grande comunicador, cuja capacidade o senhor demonstrou por toda a vida, seja como radioamador ou como sócio remido da Associação Brasileira de Imprensa.

17. Para nós, Sócios deste Instituto, é uma grande honra e um grande prazer recebê-lo entre nós como confrade e como membro efetivo neste momento.

Seja bem-vindo!

Obrigado pela atenção a esta breve, mas sincera apresentação.



Bibliografia resumida de Emanuel Pontes Pinto:

PINTO, Emanuel Pontes. *Caiari: Lendas, Proto-História e História*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 1986, 373 pp.

PINTO, Emanuel Pontes. *Real Forte Príncipe da Beira: símbolo da conquista e dominação do vale do Guaporé*. Rio de Janeiro, ed. do autor, 1989, 71 pp.

PINTO, Emanuel Pontes. *Rondônia: Evolução Histórica*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1993.

PINTO, Emanuel Pontes. “Aventura e Pioneirismo: A Viagem Precursora de Manuel Feliz de Lima”, em: *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Curitiba, nº. 12, 1997.

PINTO, Emanuel Pontes. *Urucumacuan: Mitos, Lendas, Tradições e História*. Curitiba: Ed. Íthala, 2012, 407 pp.



ⁱ Agradeço a Lúcio Jorge Guzmán as sugestões, críticas e empréstimo de livros para a elaboração deste Discurso.

ⁱⁱ Ver: “A Saga de Aluizio Ferreira”, em: *Em memória: Aluizio Pinheiro Ferreira, 1897-1997*. Porto Velho: s/ed, s/d., pp. 183-195.

ⁱⁱⁱ MENEZES, Esron Penha de. *Retalhos para a história de Rondônia*. Porto Velho: s/ed, s/d, vol. II, pp. 105-106.

^{iv} TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. *Quilombolas de Jesus. Vale do São Miguel do Guaporé/Rondônia*. Porto Velho: Eudfro, 2008.

^v Ver bibliografia do autor abreviada ao final do discurso.

^{vi} ARRIEN. Manuel d’Épictète. *Introd., traduction et notes par Pierre Hadot*, Paris : Librairie Générale Française, 2000, pp. 161-168.

^{vii} Héraclite. *Traduction et Commentaire des Fragments*, par Abel Jeannière, Paris : Aubier Montaigne, 1985 (1959), p. 119.

^{viii} CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais; Editora da Universidade de Brasília, 2002, p. 304.